

IMPLANTAÇÃO DO AMBULATÓRIO LGBTI+ DA UERN COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO INTEGRAL À POPULAÇÃO LGBTI+: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Andrea Taborda Ribas da Cunha¹

Arthur Fernandes Sampaio²

Lucidio Clebeson de Oliveira³

Lorrainy da Cruz Solano⁴

Francisco Rafael Ribeiro Soares⁵

RESUMO

Este artigo relata a experiência de implantação do Ambulatório LGBTI+ da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com o objetivo de compartilhar as lições aprendidas ao longo do processo, mas também inspirar outras universidades e instituições de saúde a replicarem iniciativas semelhantes, contribuindo para a construção de um sistema de saúde mais equitativo e inclusivo. O ambulatório foi concebido e implantado pelos movimentos e coletivos LGBTI+ da cidade, professores e técnicos administrativos da UERN, residentes e servidores da Prefeitura Municipal de Mossoró. Este relato aborda o processo de criação, os desafios enfrentados, como a resistência social e a capacitação dos profissionais, e os resultados iniciais, que incluem a melhora no acesso a serviços de saúde específicos, como hormonização para pessoas transgênero, além da promoção da formação humanizada de residentes e estudantes da área da saúde. Conclui-se que o Ambulatório LGBTI+ da UERN representa um avanço importante na promoção da equidade em saúde e no combate à exclusão social, servindo como um modelo para outras iniciativas extensionistas.

Palavras-chave: Equidade em Saúde; Extensão Universitária; Cuidado Integral; combate à LGBTfobia institucional; Sistema Único de Saúde.

¹ Professora da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestra em Saúde da Família – RENASF/Universidade Federal do Rio Grande do Norte. andreacunha@uern.br.

² Psicólogo da saúde na eMulti (NASF) da Prefeitura do Recife-PE. Mestre em Ciências Sociais e Humanas - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. arthursampaio@hotmail.com.

³ Professor da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutor em Psicobiologia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. lucidiolebeson@uern.br.

⁴ Enfermeira da Secretaria Municipal de Saúde de Mossoró. Doutora em Enfermagem - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. lorrainycsolano@yahoo.com.br.

⁵ Professor da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutor em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde – Universidade Estadual do Ceará. rafaelsoares@uern.br.



IMPLEMENTING THE LGBTI+ OUTPATIENT CLINIC FROM UERN AS A STRATEGY OF HEALTH CARE TO THE LGBTI+ POPULATION: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

This article is an experience report of implementing the LGBTI+ Outpatient Clinic at the State University of Rio Grande do Norte (UERN), to provide a space for comprehensive healthcare to the LGBTI+ population, who have historically faced barriers to access health services due to prejudice and discrimination. The clinic was conceived and implemented by LGBTI+ movements and collectives in the city, professors and administrative staff from UERN, and employees from the Municipality of Mossoró. This report discusses the creation process, the challenges encountered, such as social resistance and professionals' training, and the initial results, which include improved access to specific health services, such as hormone therapy for transgender people, and the promotion of humanized training for healthcare students. In conclusion, we verify that the LGBTI+ Outpatient Clinic at UERN represents a significant advancement in promoting health equity and combating social exclusion, serving as a model for other outreach initiatives.

Keywords: Health Equity. University extensionist program. Health Care. Combating Institutional LGBTI+ discrimination. SUS.

1 INTRODUÇÃO

A saúde da população LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e pessoas intersexo) tem sido amplamente negligenciada no contexto da saúde pública, tanto no Brasil quanto em diversas partes do mundo. Historicamente, essas populações enfrentam altos índices de discriminação, preconceito e violência, não apenas em suas interações sociais cotidianas, mas também no acesso a serviços de saúde. O preconceito institucionalizado, somado à falta de capacitação de profissionais para lidar com as especificidades da saúde LGBTI+, resulta em barreiras significativas para a busca e a garantia de um cuidado integral e humanizado (Missioneiro *et al.*, 2024).

Estudos indicam que pessoas LGBTI+ estão mais vulneráveis a problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade, e também têm uma maior exposição a infecções sexualmente transmissíveis, além de enfrentarem dificuldades em acessar serviços de saúde adequados, sobretudo em regiões periféricas ou interioranas, onde o acesso já é mais restrito (Bezerra *et al.*, 2021). Entre os grupos mais afetados, estão as pessoas trans, que muitas vezes não conseguem encontrar serviços de saúde capacitados para oferecer o acompanhamento necessário à hormonização ou à transição de gênero, ampliando a vulnerabilidade dessa população (Brandão, 2020).

Dentro desse cenário de exclusão e desamparo, as universidades públicas, na qualidade de agentes de transformação social, têm um papel essencial em desenvolver projetos de extensão voltados para a inclusão e o combate à discriminação. Projetos extensionistas podem funcionar como pontes entre a

universidade e a comunidade, promovendo o acesso a serviços de saúde de qualidade e capacitando futuros profissionais a entender e respeitar a diversidade de gênero e orientação sexual.

Foi nesse contexto que a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) criou o projeto Centro de Cuidado e Formação Interprofissional em Saúde da População LGBTI+, mais conhecido como “Ambulatório LGBTI+ da UERN”, um projeto de extensão pioneiro no Estado do Rio Grande do Norte, voltado para o cuidado integral da saúde da população LGBTI+.

Essa iniciativa foi motivada pela constatação de que as demandas de saúde dessa população não estavam sendo atendidas de forma adequada pelos serviços de saúde tradicionais. O ambulatório se propõe a fornecer não apenas atendimento clínico, mas também suporte psicológico e orientação sobre direitos, em um ambiente que busca ser livre de discriminação e preconceito.

A criação do Ambulatório LGBTI+ visa também promover a formação de estudantes da área de saúde, contribuindo para sua capacitação em práticas inclusivas e humanizadas. Os estudantes, tanto de graduação como de pós-graduação, que participam do projeto, têm a oportunidade de vivenciar o atendimento de uma população historicamente marginalizada, desenvolvendo habilidades técnicas e éticas que serão fundamentais para sua atuação futura.

Ademais, o Ambulatório LGBTI+ da UERN também foi criado com o intuito de ser centro formador e matriciador para a rede de saúde locorregional de Mossoró e, ao longo destes anos de efetiva ação, profissionais da saúde, assistência social e educação já foram alvo das formações que visam, em última instância, dar mais dignidade e combater a LGTfobia estrutural e institucional nos serviços públicos. Além de atuar como um centro de pesquisas, contribuindo assim para o levantamento de informações que subsidiaram a formulação de novas políticas e práticas de atenção a essa população.

Este artigo relata a experiência de implantação do Ambulatório LGBTI+ da UERN, descrevendo as etapas de planejamento, execução, os desafios encontrados e os resultados iniciais. A experiência apresentada busca não apenas compartilhar as lições aprendidas ao longo do processo, mas também inspirar outras universidades e instituições de saúde a replicarem iniciativas semelhantes, contribuindo para a construção de um sistema de saúde mais equitativo e inclusivo.

2 RELATO DA EXPERIÊNCIA

A concepção do Ambulatório LGBTI+ da UERN teve como ponto de partida o ingresso de um homem trans, psicólogo, na Residência Multiprofissional em Atenção Básica/Saúde da Família e Comunidade da UERN. Sem dúvidas, este foi o grande divisor de águas para que se pudesse enxergar a realidade que se impunha diante de todos, mas que, como já é comum às pessoas LGBTI+, era negligenciada.

O ponto importante foi a realização do Trabalho de Conclusão de Residência - TCR do residente supracitado, que apresentou um panorama detalhado da realidade assistencial à população LGBTI+, demonstrado o quanto negligenciada é a assistência à saúde para essa população.



Este fato fez com que a estrutura organizacional da própria pós-graduação se adequasse à nova realidade e todos começaram a estudar sobre para poder melhor acolher ao novo profissional de saúde residente. Depois, uma série de diálogos foram se traçando até culminar na realização de um evento nacional, capitaneado pelo programa de residência multiprofissional: o Fórum Nacional de Diálogos e Práticas Interprofissionais em Saúde (FONDIPIS). Neste evento, realizado no início do ano de 2019, um dos grupos de trabalho (GT) propostos foi o de saúde da população LGBTI+. Este foi o segundo grande marco da gênese do Ambulatório LGBTI+ da UERN. Este GT contou com a participação ativa de vários coletivos LGBT da cidade, assim como profissionais da saúde e da educação, sobretudo da UERN e UFERSA.

Este grupo de trabalho não encerrou suas atividades no FONDIPIS, mas manteve-se atuante, realizando uma série de reuniões para a realização de diagnósticos, que eram realizados entre a universidade e a comunidade local, que evidenciaram a carência de serviços de saúde específicos e adequados às necessidades da população LGBTI+.

A iniciativa foi impulsionada pela crescente conscientização de que o sistema de saúde convencional muitas vezes falha em atender essa população de forma acolhedora e respeitosa, resultando em um cenário de exclusão e abandono. A falta de conhecimento, aliada a preconceitos estruturais presentes nas instituições de saúde, perpetua a marginalização de indivíduos LGBTI+, contribuindo para um aumento das desigualdades em saúde (Missioniero *et al.*, 2024).

No contexto regional, a situação era particularmente crítica. A UERN está localizada no interior do Rio Grande do Norte, uma região onde o acesso a serviços especializados é limitado, e a oferta de serviços sensíveis às demandas da comunidade LGBTI+ era praticamente inexistente. Relatos frequentes de discriminação em serviços de saúde, especialmente envolvendo pessoas trans e travestis, motivaram a necessidade urgente de um espaço de atendimento que respeitasse as identidades de gênero e orientações sexuais. Movimentos sociais locais, ativistas LGBTI+ e organizações não governamentais também contribuíram de maneira significativa para dar visibilidade à causa, participando ativamente das primeiras discussões sobre a criação do ambulatório.

Figura 1 - Porta do Ambulatório LGTI+ da FAEN



Fonte: Arquivos pessoais dos autores.

2.1.1 Diagnóstico inicial e sensibilização

O diagnóstico inicial foi realizado por meio de uma série de consultas e encontros comunitários, envolvendo tanto membros da comunidade LGBTI+ quanto profissionais de saúde e acadêmicos, sobretudo de Enfermagem e Medicina, da UERN. Esses encontros permitiram mapear as principais demandas da população, que incluíam desde o acesso a cuidados básicos de saúde até questões específicas relacionadas à hormonização de pessoas trans, acompanhamento psicológico, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), e aconselhamento jurídico sobre direitos LGBTI+.

Durante essa fase, foram coletados depoimentos e organizados grupos focais para entender as experiências da população LGBTI+ com o sistema de saúde local. Entre os principais problemas relatados estavam o uso inadequado de pronomes e nomes sociais, preconceito aberto ou velado por parte de profissionais de saúde, falta de privacidade e receio de sofrer discriminação ao buscar tratamento. Esses dados forneceram a base para o planejamento das atividades e serviços do ambulatório, e para a definição de um modelo de atendimento inclusivo, baseado em práticas humanizadas e respeito à diversidade.

2.1.2 Formação da equipe e modelo de atendimento

Com base nesse diagnóstico, o próximo passo foi a formação de uma equipe multidisciplinar que pudesse atender de forma integral às necessidades da população LGBTI+. A equipe foi composta por profissionais da rede municipal de saúde e pós-graduandos da UERN de diversas áreas da saúde, incluindo Enfermagem, Medicina, Psicologia, Serviço Social, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia e Direito, além de professores de áreas relacionadas à saúde coletiva e políticas públicas. A inclusão de estudantes no projeto foi uma estratégia deliberada, visando não apenas formar novos profissionais com um olhar sensível às questões LGBTI+, mas também garantir a sustentabilidade e o crescimento do ambulatório por meio da inserção de novos membros e a perpetuação do conhecimento adquirido.

Desde sua implantação até os dias atuais, os mantenedores do ambulatório, localizado na Faculdade de Enfermagem da UERN, são as Residências em Saúde da UERN em parceria com a Prefeitura de Mossoró: Residência de Medicina de Família e Comunidade e Residência Multiprofissional em Atenção Básica/Saúde da Família e Comunidade.

No planejamento do modelo de atendimento, a equipe buscou referências em outros ambulatórios especializados para a população LGBTI+, como o Ambulatório LGBT Patrícia Gomes, de Recife/PE. No entanto, o contexto local exigia adaptações, dado o perfil da população atendida e as especificidades regionais. Além dos serviços de saúde física e mental, o ambulatório incluiu um componente jurídico para prestar orientações sobre direitos, retificação de nome e gênero em documentos oficiais e suporte para casos de discriminação.

Figura 2 - Foto com alguns dos responsáveis pela implantação do Ambulatório LGBTI+



Fonte: Arquivos pessoais dos autores.

2.1.3 Captação de recursos e articulações institucionais

Outro desafio crucial durante o planejamento foi a captação de recursos. Como o projeto não contava inicialmente com financiamento específico, a equipe buscou parcerias com organizações não governamentais, grupos de defesa de direitos LGBTI+ e órgãos públicos locais. A articulação institucional foi essencial para garantir o apoio necessário à criação e manutenção do ambulatório. A UERN assumiu um papel central no fornecimento da infraestrutura básica, como espaço físico e equipamentos e insumos de saúde, enquanto as parcerias externas ajudaram na obtenção de materiais educativos e apoio jurídico.

Ressalte-se que, durante muitos anos, somente a UERN financiou efetivamente as atividades do ambulatório, fora os próprios profissionais e coordenadores que inúmeras vezes tiraram recursos dos seus bolsos para a manutenção do serviço. Apenas em 2022, foi realizado termo de convênio com a Prefeitura Municipal de Mossoró que passou a financiar parcialmente algumas ações.

Foram realizadas também oficinas e treinamentos com profissionais da saúde do sistema público da região, para sensibilizá-los quanto às demandas da população LGBTI+. Esses treinamentos abordaram questões como o uso correto de pronomes, sensibilização sobre diversidade de gênero e orientação sexual, e o combate ao preconceito no ambiente de trabalho e a terapia hormonal transexualizadora. A capacitação da equipe de atendimento foi um aspecto prioritário do planejamento, considerando que a qualidade do serviço dependia da criação de um ambiente de acolhimento e respeito.

Outro aspecto importante foi o trabalho de institucionalização que o núcleo gestor junto a todos os atores sociais envolvidos realizaram: aprovação do projeto no Conselho Municipal de Saúde de Mossoró, na Comissão Intergestores Regionais (CIR) e no Conselho Estadual de Saúde do Rio Grande do Norte.

2.1.4 Divulgação e engajamento da comunidade

A divulgação do ambulatório foi cuidadosamente planejada para garantir que a população LGBTI+ da região soubesse da existência do serviço e pudesse acessá-lo com segurança. A equipe utilizou uma estratégia de comunicação multicanal, que incluía campanhas em redes sociais, parcerias com movimentos sociais locais e divulgação por meio de eventos comunitários. A participação de influenciadores locais da comunidade LGBTI+ foi fundamental para ampliar o alcance da campanha e criar uma relação de confiança com o público-alvo.

Ao mesmo tempo, foi necessário um trabalho de sensibilização junto à comunidade externa à UERN, para reduzir o estigma em torno do projeto e fomentar uma compreensão mais ampla sobre a importância de um espaço dedicado à saúde LGBTI+. Esse processo envolveu a realização de palestras, seminários e debates públicos, em que a equipe do ambulatório discutia a importância do projeto dentro da perspectiva dos direitos humanos e da equidade em saúde.

Com todas essas etapas planejadas e implementadas, o Ambulatório LGBTI+ da UERN iniciou suas atividades como uma iniciativa pioneira na região, com o objetivo de proporcionar um cuidado integral e humanizado para a população LGBTI+, além de servir como um campo de formação crítica e cidadã para futuros profissionais da saúde.

3 CONCLUSÃO

A implantação do Ambulatório LGBTI+ da UERN representa um marco significativo na promoção da saúde integral e no combate à exclusão social de uma população historicamente marginalizada. Este projeto extensionista não apenas atendeu às demandas específicas da comunidade LGBTI+ no interior do Rio Grande do Norte, mas também ofereceu um espaço de acolhimento e cuidado que supera as barreiras impostas por preconceitos e discriminação presentes no sistema de saúde tradicional.

A experiência de criação e execução do ambulatório revelou a importância de iniciativas que articulem ensino, pesquisa e extensão para o enfrentamento de desigualdades sociais e de saúde. Desde a concepção da ideia até sua implementação, o projeto demonstrou como a participação ativa da comunidade, em conjunto com o engajamento de profissionais e estudantes, pode transformar a realidade local e construir espaços mais inclusivos e humanizados.

O diálogo contínuo com movimentos sociais e a mobilização de parcerias interinstitucionais foram fundamentais para superar desafios e garantir a sustentabilidade do projeto. O trabalho de articulação possibilitou a captação de recursos, sensibilizou profissionais da saúde e fomentou um ambiente de respeito à diversidade, estabelecendo o ambulatório como referência para outros serviços da região.

Além disso, o projeto teve um impacto direto na formação dos futuros profissionais da saúde, proporcionando-lhes uma oportunidade ímpar de vivenciar, na prática, o cuidado integral às pessoas LGBTI+. Os estudantes envolvidos desenvolveram competências técnicas e, principalmente, éticas, compreendendo a importância de atuar com empatia, respeito às diferenças e compromisso com os



direitos humanos. A formação proporcionada pelo ambulatório vai além da sala de aula, moldando profissionais mais preparados para enfrentar os desafios de uma sociedade cada vez mais diversa e exigente em termos de equidade.

Os resultados do projeto evidenciam a melhoria no acesso à saúde para a população LGBTI+, especialmente no que se refere à hormonização de pessoas trans e ao suporte em saúde mental. O modelo de atendimento, que preza pelo uso do nome social e pelo respeito à identidade de gênero, além de contemplar as vulnerabilidades interseccionais dessa população, mostrou-se eficaz na criação de um ambiente seguro e acolhedor. A aceitação e participação da comunidade LGBTI+ nas atividades do ambulatório indicam que a iniciativa está atendendo a uma demanda reprimida e que há um reconhecimento da importância de espaços especializados e inclusivos.

Entretanto, a experiência também destacou a necessidade contínua de enfrentamento de desafios. A manutenção do ambulatório exige recursos financeiros e humanos que, em muitos casos, são limitados em instituições públicas. A resistência social e o preconceito estrutural continuam a ser obstáculos que precisam ser abordados com ações de sensibilização, educação permanente e políticas públicas de proteção à população LGBTI+. Nesse sentido, o ambulatório se torna um espaço estratégico não só de cuidado, mas também de *advocacy*, lutando por mudanças estruturais que garantam direitos e igualdade de acesso para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual.

A experiência do Ambulatório LGBTI+ da UERN sugere que projetos similares podem ser replicados em outras regiões do Brasil e em diferentes instituições de ensino e saúde. A construção de uma rede de ambulatórios LGBTI+ em universidades públicas poderia fortalecer o combate à exclusão social, promovendo a saúde integral em uma perspectiva mais ampla e equitativa. A implementação de tais iniciativas representa um passo importante na democratização do acesso à saúde e na garantia dos direitos humanos para a população LGBTI+, alinhando-se com os princípios constitucionais de universalidade, equidade e integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

Assim, conclui-se que o Ambulatório LGBTI+ da UERN não é apenas um espaço de atendimento em saúde, mas um modelo de cuidado que integra dimensões clínicas, sociais e educacionais, promovendo um ambiente de respeito, inclusão e acolhimento. Esse projeto demonstra que a articulação entre universidade, comunidade e movimentos sociais é uma via eficaz para transformar realidades e promover a justiça social. É um exemplo de como a extensão universitária pode ser um motor de mudanças concretas e duradouras, impactando diretamente a qualidade de vida da população e a formação de profissionais da saúde mais conscientes e comprometidos com a diversidade e a equidade.

REFERÊNCIAS

MISSIONEIRO, C. H. P. et al. Revisão Literária do Atendimento Médico à Comunidade LGBTQIAP+: Desafios e Perspectivas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 4, p. 1287–1309, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n4p1287-1309.

BEZERRA, M. V. R. et al. Condições históricas para a emergência da Política Nacional de Saúde Integral LGBT no espaço social da saúde no Estado da Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública [online]**. v. 37, n. 8, 2021 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00221420>>

BRANDÃO, B. A. **Cuidado à população LGBT: iniciativas das equipes de atenção primária em saúde no município do Rio de Janeiro**. 2020. 128 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.